

POR QUE AS CRIANÇAS ESCREVEM ASSIM? DESAFIANDO GENERALIZAÇÕES CLÍNICAS SOBRE A ESCRITA INICIAL

Isabella de Cássia Netto Moutinho¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a experiência do Centro de Convivência de Linguagens (CCazinho) do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. O CCazinho é um projeto de extensão que recebe, avalia e acompanha crianças que enfrentam entraves no processo de aquisição da escrita e da leitura e que receberam um laudo que afirma terem alguma patologia relacionada à aprendizagem – em sua maioria, Dislexia. As que ainda não têm o laudo, receberam uma hipótese diagnóstica a ser conferida por um médico. Os pesquisadores do Centro, linguistas e estudantes de Letras em sua maioria, acompanham as crianças longitudinalmente, partindo dos pressupostos teóricos da Neurolinguística Discursiva. Uma metodologia heurística de análise de dados-achados têm apontado que o que a literatura clínica entende como sintoma de Dislexia trata-se, na verdade, de questões comuns e previstas na aquisição da escrita, como o registro de processos fonológicos (sonorizações e dessonorizações como pato/bato, apagamento de róticos como em pegar/pega, alçamento de vogais finais como em sapo/sapu, anteriorizações e posteriorizações como em chute/sute), registro de sílabas complexas como simples (prato/pato) e possibilidades de escrita da palavras diferentemente da escrita convencional (pássaro/pásaro). As análises da Neurolinguística Discursiva e os estudos de caso da área têm apontado para um processo de patologização da aquisição da escrita inicial que tem servido para encobrir ou justificar dificuldades geradas por outros fatores, como pedagógicos, psicoafetivos, econômicos, sociais e culturais. Os resultados fazem um alerta, ainda, sobre uma análise clínica desprovida de fundamentos linguísticos e pedagógicos, principal fator de patologização de crianças sem patologia.

Palavras-chave: escrita inicial, linguística, patologização, avaliação, clínica.

¹ Pós-doutoranda em Educação. Faculdade de Educação da Unicamp. São Paulo. isabella.bel@gmail.com